

O DESCONCERTO DO MUNDO NA POESIA CAMONIANA



JEFERSON ARAUJO DE AZEVEDO

Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Paulista – UNIP (2016); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Escolar pela Universidade Paulista – UNIP (2022); Professor de Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio na EMEFM Antônio Alves Veríssimo.

RESUMO

Neste artigo será examinado uma das grandes tensões dominantes na poesia camoniana: o desconcerto do mundo. Recorri como suporte teórico a vários autores que se dedicaram a estudar a lírica camoniana tais como: MINCHILLO e TORRALVO (2011), MOISÉS (2002-2004-2008), SARAIVA (2005). No início da pesquisa conceitue o mote “desconcerto do mundo na poesia camoniana” – tema recorrente na sua lírica e visivelmente projetado na sociedade atual. Escolhi o soneto Doce sonho, suave e soberano como objeto de estudo porque reuni as características fundamentais do tema. A poesia camoniana é atemporal e traduz o que há de mais intrínseco à essência humana. Este artigo resulta do desejo de partilhar uma reflexão sobre uma das temáticas mais presentes na poesia camoniana.

PALAVRAS-CHAVE: Desconcerto do mundo; Poesia; Luís Vaz de Camões.

INTRODUÇÃO

Quando se estuda literatura é possível entender como a arte marca a história de um povo. Da mesma forma que a expressão cultural é transcrita na pintura e na escultura, a literatura também tem o poder de revelar a sociedade passada.

Esse feito só foi possível porque grandes autores deixaram registrados em suas obras fatos da vida cotidiana e seus sentimentos perante um mundo cheio de incertezas, que desde outrora destabiliza a humanidade. As obras trazem inúmeros temas, no entanto, não se pretende extraí-los por completo, mesmo porque são temas tão complexos que não compete neste estudo. Pretende-se, portanto, revelar o desconcerto do mundo na poesia camoniana, especificamente no poema

Doce sonho, suave e soberano.

O DESCONCERTO DO MUNDO NA POESIA CAMONIANA

Por definição, linguagem literária (ou poética) é àquela usada para produzir arte com palavras. É a modalidade usada em textos literários, em prosa ou poesia. A linguagem literária considera a palavra em todos os seus elementos: seus significados literais e figurados, seu som, seu ritmo e as imagens que evoca. Desta forma, ao ler um texto literário – em prosa ou verso – o leitor tem suas emoções despertadas não apenas pelo que é referido, mas pela maneira como é referido.

Em primeira instância, vale apresentar a definição de poesia e poema. Segundo Sorrenti (2007) poesia em primeira instância é a própria denominação do gênero lírico. Apresenta-se também como a produção de um poeta. Enquanto poema é a composição textual em versos.

Antes de analisarmos, o poema *Doce sonho, suave e soberano*, é de suma importância apresentar sinteticamente os elementos da composição do soneto.

Moisés (2002, p.33), destaca os seguintes elementos de um poema:

Verso: As linhas que constituem o poema. Estrofe: Agrupamentos de versos. Ritmo: Organização dos elementos sonoros que conferem musicalidade ao poema. Rima: Repetição de sons no final dos versos. Métrica: Regularidade de medida em relação ao número de sílabas poéticas ou acentos tônicos em cada verso. Imagética: Uso de imagens para despertar sensações visuais e sensoriais no leitor. Figuras de linguagem: Recursos como metáfora, metonímia, aliteração, entre outros, que enriquecem a expressão poética. Tema: Assunto central abordado pelo poema. Tono: Atitude emocional do poeta em relação ao tema. Linguagem: Uso específico e muitas vezes figurativo da linguagem para transmitir significados profundos.

Esses elementos são fundamentais para a análise e compreensão da poesia, conforme destacado por Moisés.

Os poemas de formas fixas, segundo Bagno (2011), são poesias do gênero lírico. Apresentam-se sempre com a mesma regra seguindo a quantidade de versos, estrofes e o esquema de rimas. Em contrapartida, os ideais Modernistas apresentam os versos livres como uma composição sem métrica predefinida. Esta ideia de poesia sem medida fica evidenciada conforme Maiakovski (1977) “poeta não é aquele que segue as regras poéticas, mas aquele que as inventa.

Moisés (2004), renomado crítico literário brasileiro, define soneto como uma composição poética em forma fixa, contendo quatorze linhas, divididas em dois quartetos seguidos de dois tercetos.

As definições supracitadas são fundamentais para embasar a análise do poema camoniano. Adentraremos agora ao estudo do mote.

Em primeira instância, vale apresentar a definição do termo desconcerto encontrada no dicionário Houaiss (2011, p.279) 1 - Ato ou efeito de desconcertar(-se) 2- Desarranjo, desordem, 3 - Discordância entre seres e países.

A definição da palavra desconcerto esclarece e cita a discordância entre seres, países, desarranjo ou desordem. No soneto “Doce sonho, suave e soberano” o sentimento de uma nação, Portugal, é representado por Camões de forma que a sua vida e obra misturam-se e traz à tona o recorrente tema: “O desconcerto do mundo”.

Ao se debruçar em sua biografia, torna-se perceptível, nesse poema, a mistura de sua vida pessoal com o eu lírico e a presença da desilusão que sofrera ao fim de seus dias com a vida e com Portugal.

Vejamos um breve histórico sobre a vida de Camões.

Segundo Izeti Torralvo, em *Sonetos de Camões* (2011), as informações sobre a vida de Camões são incertas e imprevistas, mas a título de registro e de estudo Luís Vaz de Camões nasceu por volta de 1524, filho de Simão Vaz de Camões, um cavaleiro da Casa Real, e D. Ana de Sá. Pouco se sabe de sua infância, em registro encontra-se que com doze e treze anos passou a ser protegido e educado pelo tio, sacerdote respeitável, que o direcionou a Coimbra para estudar.

Inquietação era uma de suas características marcantes, bem como indisciplinado. Entretanto, o poeta sempre foi apaixonado por história geral, cosmografia teorias filosófica, e pela leitura dos clássicos – Cícero, Plutarco, Homero, Virgílio, além de escritores modernos do seu tempo, como Ariosto, Petrarca, Sannazzarro.

A sua trajetória é marcada pela boemia e pela miséria. O poeta vivia loucamente e se envolvia em grandes enrascadas, mas era protegido da Corte portuguesa, que sempre arrumava uma escapatória para as suas atitudes insolentes. Nessa época de glória Portugal era uma verdadeira potência marítima e Camões pôde desfrutar da boa vida. No entanto, precisou deixar Portugal por conta de suas travessuras. Viveu longe da Corte por um bom tempo, lutou num conflito em Celta, que muito provavelmente, desencadeou na perda de um dos olhos. Quando retornou a Portugal, já num estado de decadência e ajudado por poucos amigos, a situação do País era desastrosa tanto quanto a sua vida. Portugal havia perdido o seu posto perante o mundo. O rei D. Sebastião já substituíra D. João III, e Camões deixou de ter o prestígio de outrora.

É justamente neste breve cenário descrito que Camões passa a refletir sobre a sua vida e o quanto perdeu com a sua personalidade insolente. Vale ressaltar que no meio desse grande trans-torno que foi a sua vida, ele produzia todas as suas obras, inclusive os lusíadas, a sua produção mais conhecida.

Portanto, o tema “O desconcerto do mundo” nasce dessa reflexão e fica visível no soneto Doce sonho, suave e soberano.

SONETO CCLXXXVIII

Doce sonho, suave e soberano,
se por mais longo tempo me durara!
Ah! quem de sonho tal nunca acordara,
pois havia de ver tal desengano!

Ah! deleitoso bem! ah! doce engano,
se por mais largo espaço me enganara!
Se então a vida mísera acabara,
de alegria e prazer morrera ufano.

Ditoso, não estando em mim, pois tive,
dormindo, o que acordado ter quisera.
Olhai com que me paga meu destino!

Enfim, fora de mim, ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
pois sempre nas verdades fui mofino.

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

De acordo com Moisés (2008), a época clássica em Portugal, principalmente durante o Renascimento, buscava se distanciar do ideário medieval. Isso incluía uma ruptura com certas características da produção literária medieval, como a predominância de temas religiosos e a valorização da tradição oral. Durante o Renascimento, houve um movimento em direção a uma estética mais centrada no indivíduo, na razão e na imitação dos modelos clássicos greco-romanos. Este distanciamento do medievalismo contribuiu para a renovação cultural e literária em Portugal durante esse período. Do ângulo da expressão poética a medida velha representou a atmosfera medieval, já a medida nova, soneto, foi inspirado na perfeição greco-latina, considerados modelos de perfeição estética.

Vejamos abaixo as fundamentais características de um soneto:

Um ponto relevante da composição do soneto é a métrica. Os catorze versos devem possuir a mesma métrica. O soneto é composto geralmente por versos decassílabos, entretanto, alguns apresentam versos de doze sílabas poéticas, os chamados dodecassílabos ou alexandrinos. Para os quartetos, são três as formas principais de posicionamento: rimas entrelaçadas ou opostas – abba - o primeiro verso rima com o quarto, e o segundo com o terceiro; rimas alternadas – abab – o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo rima com o quarto; rimas emparelhadas – aabb - o primeiro verso rima com o segundo e o terceiro rima com o quarto. TRANCOSO, Bernardo citado por INFO ESCOLA. Acesso 21 abr. 2014. <http://www.infoescola.com/literatura/soneto/>

No primeiro verso, que dá título ao soneto, o eu lírico retrata um sonho e revela que esse sonho não durou tanto quanto ele esperava, apresentado no segundo verso. Vale ressaltar que, segundo Minchillo e Torralvo (2011, p.128) na abertura do poema a sonoridade produzida pela consoante “s”. Esse recurso sonoro é classificado como aliteração. Esses versos sugerem que encontrar conforto ou escapismo nos sonhos pode ser uma forma de lidar com as dificuldades ou frustrações da vida real. Essa ideia reflete a tendência humana de buscar consolo ou alívio nas fantasias ou na imaginação quando se enfrenta desafios ou preocupações:

“Doce sonho, suave e soberano
Se por mais longo tempo me durara!”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

A biografia do poeta e a história de Portugal podem ser relacionadas ao poema, pois Camões levava uma vida de sonho sendo amigo do rei e vivendo em meio à corte portuguesa, entre os nobres, e Portugal vivia um momento glorioso em sua soberania sobre seu povo e sobre o mundo, pois mesmo sendo pequeno em território era a maior potência mundial naquele período. O que também não durou muito tempo. Essas relações podem ser percebidas na escolha dos léxicos sonho e soberano.

No terceiro e quartos versos dessa mesma estrofe, o eu lírico lamenta o pouco tempo de duração desse sonho e seu desengano ao acordar dele. Mais uma vez nota-se fortemente a presença do drama pessoal do poeta e do drama coletivo da nação. De sua desilusão com a vida e com Portugal que sofriam uma decadência quase que paralela:

“Ah quem de sonho tal nunca acordara,
Pois havia de ver tal desengano!”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

Na segunda estrofe o eu lírico parece tornar-se consciente do engano em que vivia, assim como Camões e Portugal, que perdia territórios e sua influência mundial durante o contexto de produção do poema. Ao longo da sua história, Portugal perdeu alguns territórios. Segundo Saraiva (2005), durante o século XIX, perdeu parte da sua colônia do Brasil e, no século XX, perdeu territórios em África e na Ásia, devido ao processo de descolonização.

“Ah deleitoso bem! Ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganara!”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

Porém, nos dois últimos versos desse quarteto, mesmo consciente de sua ilusão, o eu lírico prefere morrer enganado a feliz a acordar de tal sonho deleitoso, assim como Camões preferia morrer enganado e feliz em sua vida de festas e aventuras amorosas:

“Se então a vida misera acabara,
De alegria e prazer morrera ufano.”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

O eu lírico mistura-se a Camões, assim como a vida de Camões mistura-se à história de Portugal. O sonho de soberania sobre todos os povos que pairava na nação portuguesa fundia-se ao sonho de nobreza de Camões, que vivia inconsequentemente uma vida de boêmia e de amores proibidos.

No primeiro e segundo versos da terceira estrofe, o eu lírico reconhece sua vida inconsequente, assim como o próprio poeta e a coroa lusitana que estava fora de si, esbanjando o dinheiro que não possuía, e ainda declara que queria ter o que teve enquanto estivesse acordado.

“Ditoso, não estando em mim, pois tive,
Dormindo, o que acordado ter quisera.”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

O último verso dessa estrofe expressa o desconcerto do mundo e pode ser relacionado à desilusão de Camões com a coroa portuguesa e com o que Portugal se tornou em sua ausência, pois, ao retornar de seu exílio, o poeta depara-se com um país decadente governado por um rei fraco e irresponsável que, por consideração à amizade de seu avô com Camões, prometeu-lhe uma mísera pensão anual de 15.000 réis que, mesmo assim, era paga de forma irregular fazendo com que o poeta vivesse de graças e favores de amigos:

“Olhai com que me paga meu destino!”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

Nos versos do último terceto desse soneto, o eu lírico conclui sua lamentação reconhecendo a vida de mentiras que levava, e a vida do escritor mistura-se aí mais uma vez, porque Camões reconhece-se enganado, acreditando ser nobre por viver entre eles e dando-se conta de que, na verdade, era infeliz e não era ninguém:

“Enfim, fora de mim, ditoso estive.

Em mentiras ter dita razão era,

Pois sempre nas verdades fui mofino.”

Luís Vaz de Camões (apud MINCHILLO E TORRALVO 2011, p.128).

Minchillo e Torralvo (2011, p.129) assertivam que:

Os sonhos trazem ao poeta a oportunidade de ser feliz e satisfazer seus desejos[; uma vez desfeito o “engano”, o eu lírico amaldiçoa a dura realidade e expressa a vontade de manter por mais tempo a alegria que conheceu dormindo. Confessa-se assim, pelo contraste com uma existência idealizada, o desencanto com a vida.

A poesia de Camões possui grande amplitude e haveria ainda muitas outras concepções a serem analisadas, contudo manteve o foco do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia camoniana apresenta-se através dos tempos carregada de emoções intrínsecas e as situações mais complexas da condição humana. As palavras de Camões atravessam o tempo e convida o leitor a se debruçar num mundo de amor, dor, heroísmo e melancolia. A sua obra apresenta um retrato experienciado pelas personagens apaixonadas, heróis valentes e almas desnor-teadas pela inevitável passagem do tempo.

Camões descreve a natureza da vida e procura descrevê-la, explorando os limites da razão e da emoção. Em cada poesia, abre-se uma dimensão para uma vertente da alma do poeta, mostrando apresentar a verdade, lutando contra um mundo injusto e ao mesmo tempo admirável.

Pode-se então afirmar que Camões foi um poeta de extrema importância para a poesia literária portuguesa. Se Portugal pudesse ser personificado, este seria Camões. A importância de Camões reside principalmente em sua contribuição para a literatura portuguesa e mundial. Sua obra mais famosa, “Os Lusíadas”, não apenas celebra as conquistas portuguesas, mas também incorpora temas universais como amor, honra, destino e heroísmo. Além disso, Camões ajudou a consolidar e enriquecer a língua portuguesa através de sua poesia, estabelecendo padrões de excelência que influenciaram gerações posteriores de escritores. Sua obra é valorizada não apenas

como um tesouro literário, mas também como um componente essencial da identidade cultural de Portugal e dos países de língua portuguesa.

O poema "Doce sonho, suave e soberano" é um soneto atribuído a Luís de Camões. Nele, como já explanado, o poeta expressa um desejo de escapar das preocupações e dos tormentos da vida através do sono. O "doce sonho" é retratado como uma forma de refúgio e consolo, onde as angústias do mundo são abandonadas temporariamente. A palavra "suave" sugere uma sensação de conforto e tranquilidade, enquanto "soberano" indica o poder absoluto do sono para aliviar as aflições da existência. No contexto da poesia de Camões, essa obra reflete o tema recorrente da busca pela paz interior e pela redenção através da arte e da contemplação.

A poesia de Camões pode ser relacionada com a atualidade por meio de temas universais como amor, perda, conflito e busca por significado. Seus versos expressam emoções e reflexões que continuam relevantes para os desafios e experiências humanas contemporâneas. Além disso, sua habilidade de capturar a complexidade da condição humana permite que suas obras transcendam as barreiras temporais e dialoguem com as preocupações e aspirações atuais.

Camões é atemporal, fazendo sua obra um verdadeiro diagnóstico da dor humana de maneira profunda e emotiva. Seus versos abordam temas como o sofrimento causado pelo amor não correspondido, a perda de entes queridos e a luta contra as adversidades da vida. Sua capacidade de capturar a angústia e a melancolia através da linguagem poética permite que seus escritos ressoem com os leitores ao longo dos séculos, refletindo a experiência universal da dor humana.

Pesquisar as grandes tensões da poesia camoniana é um exercício fundamental para o estudante da área da Letras, a fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos em Literatura.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **O tempo escapa do relógio e outros poemas**. Curitiba: Positivo, 2011.p.21.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello, INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SEVERINO. Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição Revista e Ampliada. São Paulo. Cortez, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: Introdução crítica**. 11.ed.São Paulo.Editora Cortez, 2002.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.58.

MINCHILLO, Carlos C.; TORRALVO, Izeti F. **Sonetos de Camões**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. . São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 23. ed. Sintra: Europa-América, 2005.